



Sorridente, José Sarney comemora no reduto ulysista do Piantella a eleição com os aliados Lobão e Costa

'Bancada' de Sarney faz a festa da vitória

No Piantella, o ex-Presidente se reúne com aliados

JORGE BASTOS MORENO
E CRISTINA VEIGA

BRASÍLIA — O ex-Presidente e Senador eleito pelo Amapá José Sarney, contrariando o ditado popular de que "vingança é um prato que se come frio", preferiu comemorar a vitória de seu candidato ao Governo do Maranhão, Edison Lobão, saboreando um prato quente no restaurante preferido do Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães — o Piantella. Ulysses costuma freqüentá-lo na companhia do ex-Ministro de Sarney e seu adversário político, Renato Archer, que fez campanha para o candidato derrotado João Castelo, também apoiado pelo Presidente Collor.

— Estou aqui para demonstrar que nada tenho contra o doutor Ulysses — ironizou Sarney ao chegar, dirigindo-se ao bar do restaurante onde sentou-se ao lado do Governador eleito, do Senador Alexandre Costa (PFL-MA), do seu ex-Porta-Voz Carlos Henrique e do cineasta Luiz Carlos Barreto.

Como Ulysses, Sarney preferiu a parte superior do restaurante e se

sentou ao lado da mesa cativa do Presidente do PMDB, onde existe inclusive um mural que registra sua vinculação histórica com o restaurante — fotografias, recortes de jornais e até um cheque assinado com valor em cruzados, moeda criada pelo plano econômico do Governo Sarney.

Mal sentou-se à mesa, Sarney foi "torpedeado" por um recorte do jornal "Correio Braziliense", que contava uma história pouco conhecida da política maranhense. O recorte, entregue pelo autor da nota, o colunista Gilberto Amaral, dizia que, no Governo Geisel, o então Presidente deixou por último a escolha do Governador do Maranhão. E a escolha recaiu sobre o jornalista Edison Lobão, amigo pessoal de Geisel. Segundo o colunista, Sarney vetou o nome de Lobão e indicou o de seu compadre e hoje arquiinimigo João Castelo.

— Infelizmente isso foi verdade — confirmou Sarney.

Lobão disse não guardar mágoas do episódio e muito menos de Collor, que prometera manter-se em posição de neutralidade na campanha eleitoral — o que, segundo o Governador eleito, não aconteceu.

— Integrante da bancada do PFL, maior partido de sustentação ao Governo no Congresso, procurei o Presidente e ele me deu sua palavra de honra de que não se posicionaria a favor de nenhum candidato. Apesar de ser amigo de Castelo,

eu fui o primeiro Senador a levantar a voz no Congresso em defesa de Collor e ele não correspondeu a isso — desabafou Lobão.

Ele disse que o Governo federal jogou toda a sua máquina a favor da candidatura João Castelo e, além disso, o Ministro da Agricultura, Antônio Cabreira, foi ao Maranhão dizer pela TV que estava lá representando Collor e, em seu nome, pedia votos para Castelo.

— O Presidente empenhou sua palavra, um Ministro de Estado quebrou-a e ele não demitiu esse Ministro. Isso prova que esse Ministro falou autorizado — disse Lobão.

Mesmo assim, Lobão disse que não assumirá posição oposicionista em relação a Collor:

— Vou ficar numa posição de independência. E, se o Presidente rever sua posição, posso rever à minha.

Sarney, depois do almoço e da sobremesa, recusou o digestivo preferido do doutor Ulysses — o **poire** — em torno do qual o Presidente do PMDB costumava reunir seu grupo para falar mal do Governo dele.

— **Poire** já é demais. Não tenho nada contra o doutor Ulysses, mas saborear essa bebida já seria um exagero. Aliás, ele quase não bebia o **poire**. Preferia o veneno que o Renato Archer lhe servia em cálices contra mim — disse Sarney.